

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA NOTURNO**

Renata Alves da Silva Cohen

**O ENTENDIMENTO DE PROFESSORAS E FAMILIARES REFERENTE
AO PROCESSO DE DESFRALDE DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS**

Santa Maria, RS
2021

Renata Alves da Silva Cohen

**O ENTENDIMENTO DE PROFESSORAS E FAMILIARES REFERENTE AO
PROCESSO DE DESFRALDE DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Curso de Pedagogia, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para obtenção do
grau de **Licenciatura em Pedagogia**.

Orientadora: Prof^a. Dra. Kelly Werle

Santa Maria, RS
2021

Renata Alves da Silva Cohen

**O ENTENDIMENTO DE PROFESSORAS E FAMILIARES REFERENTE AO
PROCESSO DE DESFRALDE DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS.**

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Curso de Pedagogia, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para obtenção do
grau de **Licenciatura em Pedagogia.**

Aprovado em 29 de janeiro de 2021.

Kelly Werle, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Sueli Salva, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha mãe por todo apoio e força para que eu nunca desistisse dos meus sonhos.

Aos meus irmãos por sempre me apoiarem em todos os momentos que precisei.

Ao meu querido esposo Bernardo pelo companheirismo, carinho, preocupação e amor dedicado em todos os momentos. Por estar ao meu lado me incentivando e acreditando no meu potencial. Você é luz no meu caminho.

A minha orientadora Prof.^a Kelly Werle pela dedicação, paciência e ensinamentos durante minha formação acadêmica, assim como na fase final da minha graduação. Obrigada por partilhar comigo um pouco de seus conhecimentos que fizeram grande diferença para a conclusão deste estudo.

As minhas amigas Flávia e Mirquele que foram um dos presentes mais lindos no Curso de Pedagogia, por todo o apoio e parceria durante todos esses 5 anos, amizade que levarei comigo.

À Prof.^a Lúcia Nunes pelas excelentes aulas ministradas, acrescentando na construção do meu caminho acadêmico. Por estar presente em tantos momentos de escuta e partilha, trazendo leveza em momentos difíceis e contagiando com mais alegria os momentos felizes.

À secretária do curso Juvelina que sempre se manteve disposta a sanar qualquer dúvida, mas também pela preocupação, parceria e tantos momentos de escuta, orientação e partilha, sua presença foi essencial.

À Prof.^a Sueli Salva por todo ensinamento compartilhado na disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil, que foram muito importantes para minha formação acadêmica, assim como também agradeço, por aceitar ler meu trabalho final de curso.

À Universidade Federal de Santa Maria que proporciona a seus alunos uma educação pública e de qualidade.

Enfim, a todos que cruzaram pelo meu caminho e/ou que fazem parte da minha vida, deixando um pouquinho de si e fazendo com que me torne um ser humano melhor.

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.
(Antoine de Saint Exupéry)

*“Os adultos possuem relógios as
crianças possuem tempo”.*
(Sariane da Silva Pecoites).

RESUMO

O ENTENDIMENTO DE PROFESSORAS E FAMILIARES REFERENTE AO PROCESSO DE DESFRALDE DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS

AUTORA: Renata Alves da Silva Cohen
ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Kelly Werle

O presente estudo tem como objetivo geral compreender as complexidades e desafios do processo de desfralde de crianças bem pequenas. Como objetivos específicos: a) Identificar como os familiares dessas crianças compreendem o processo de desfralde; b) Compreender qual o entendimento dos(as) professores(as) sobre o tempo do desfralde de crianças bem pequenas; c) Analisar quais estratégias são realizadas pelos(as) professores(as) e pelos familiares no momento do desfralde de crianças bem pequenas. A pesquisa caracteriza-se como uma abordagem qualitativa e foi desenvolvida com seis mães e duas professoras de uma turma do Maternal A, de uma escola da rede privada do Município de Santa Maria/RS, utilizando como técnica de produção de dados o questionário com perguntas abertas e fechadas por meio da plataforma Google formulários. Como resultados da pesquisa foi possível observar que os familiares envolvidos com o desfralde eram representados pelas mães, salientando a figura feminina caracterizada pelo estereótipo de que a mulher é quem cuida/educa a criança pequena. Através das falas das professoras e familiares destaca-se o entendimento de que para iniciar o desfralde deve-se levar em consideração o respeito ao tempo da criança. Porém, esse entendimento nem sempre repercute nas estratégias adotadas, pois, na prática, ainda acontece pela imposição dos adultos, seja mães ou professoras. Ressalto, também, o quão importante é perceber a criança como um ser único que possui direitos e seu próprio tempo para se conhecer e se desenvolver em sua plenitude. O desfralde é um processo muito importante na vida da criança o qual requer do adulto um olhar atento e sensível, paciência e entendimento.

Palavras- chave: Educação Infantil; Desfralde; Crianças bem pequenas; Tempo da criança.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 EXPERIÊNCIAS DA MINHA TRAJETÓRIA	7
1.2 APRESENTANDO O TEMA DE PESQUISA	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 EDUCAR E CUIDAR PARA GARANTIR OS DIREITOS DAS CRIANÇAS	13
2.2 EDUCAR E CUIDAR: O PROCESSO DO DESFRALDE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	18
3 CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA	22
4 ANÁLISE REFLEXIVA	24
4.1 O ENTENDIMENTO DOS FAMILIARES SOBRE O DESFRALDE	24
4.2 O ENTENDIMENTO DAS PROFESSORAS SOBRE O DESFRALDE	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E QUESTIONÁRIO PARA OS FAMILIARES	39
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E QUESTIONÁRIO PARA AS PROFESSORAS	41

1 INTRODUÇÃO

1.1 EXPERIÊNCIAS DA MINHA TRAJETÓRIA

Meu nome é Renata Alves da Silva Cohen, descrevo aqui um pouco da minha trajetória pessoal até chegar à escolha da Pedagogia. Sou natural da cidade de Rio Grande, RS. Fui criada pela minha mãe e meu padrasto em uma família grande na qual somos seis irmãos. Minha infância foi muito livre, fazia muitas coisas que hoje em dia não se vê com tanta naturalidade nas infâncias das crianças que convivo.

Subia em árvores, brincava com meu irmão de bolinho de barro, pic esconde na rua com os filhos dos vizinhos até tarde, jogava bolinha de gudes e o famoso jogo de bafo com tazos que eram encontrados em pacotes de salgadinhos, gostava, até mesmo de ir à casa da vizinha que era uma senhora, vestir roupas antigas e sair para rua acreditando que estava fantástica. Posso dizer que aproveitei muito em todos os aspectos, fui uma criança criativa, inventava brincadeiras e recriava muitas situações através delas.

Frequentei a Educação Infantil, que na época era denominada Jardim A, B e C. Porém fiz somente o Jardim B e o C, neste período lembro que eu tinha uma preocupação de entrar na primeira série, ouvia dos meus irmãos que eu tinha que ir bem na escola para conseguir entrar na primeira série.

Ao entrar no Ensino Fundamental lembro que tudo era diferente, a sala, a professora e até mesmo meu comportamento deveria ser diferente. Nesse momento eu tinha uma missão, agora eu precisava aprender a ler e escrever, pois só assim passaria para o próximo ano, além disso, nenhum dos meus irmãos tinha conseguido passar sem ser reprovado na primeira série pelo menos uma vez, segundo eles eu deveria fazer diferente.

No final do ano fui aprovada, minha professora tinha uma estagiária que era muito afetuosa com todos, lembro-me dela com muito carinho. Hoje trabalhando na Educação Infantil percebo o quanto o afeto é importante para o desenvolvimento de uma criança e o quanto pode possibilitar que ela se sinta segura na escola.

Sempre fui uma criança independente, tendo autonomia para me vestir, comer, e até mesmo fazer minhas tarefas escolares, penso que tive mais liberdade por ter um irmão mais novo no qual demandava bastante atenção por ser o menor e bem mais “serelepe” do que eu. No decorrer dos anos no Ensino Fundamental, fiz

muitas amizades, conheci professores ótimos, alguns que marcaram minha passagem nesse processo tanto positivo quanto negativo, com o passar do tempo concluí o Ensino Fundamental.

Na minha adolescência fui muito tímida, tanto na escola quanto em casa, meus irmãos diziam que eu era muito sensível. Participei do CTG (Centro de Tradições Gaúchas) no qual ajudou muito a me desenvolver como pessoa e descobrir o quanto gostava de dançar, fui 1ª Prenda do CTG que participava, fiz novas amizades e participei de muitas apresentações na semana farroupilha.

Neste período da minha adolescência juntamente com uma amiga de infância decidimos fazer o nosso primeiro retiro para jovens, chamado Nazareth (um retiro feito por jovens e pais que participavam da Igreja Católica). No qual descobri muitas coisas sobre mim que hoje levo com princípios. Logo após o retiro, saí do grupo de CTG e comecei a participar do Grupo de Jovens, retiros e dar catequese, o que foi uma experiência incrível pela qual sou grata até hoje. Com a experiência vivenciada nesses momentos surgiu a vontade de ser professora.

Foi então que conversei com a minha mãe sobre fazer magistério, a mesma não concordou, alegando que ser professora não era uma profissão valorizada, que eu deveria tentar outra coisa, acabei optando no momento pelo técnico de enfermagem, porém desisti no primeiro ano, pois não consegui me enxergar naquela carreira. Acabava sempre lembrando o quanto gostava de ser catequista e em ajudar nos projetos infantis e associava com a vontade de ser professora.

Desta forma, decidi fazer cursinho para o Enem e tentar Pedagogia mesmo que não fosse o que minha família desejava. Criei juntamente com meu namorado (hoje meu esposo) que morava na cidade de Santa Maria um plano de estudo para o Enem e o vestibular da UFSM.

No primeiro momento acabei passando na Universidade Católica de Pelotas e logo em seguida passei no vestibular da UFSM. Lembro-me da alegria que senti em escutar meu nome sair na lista pela rádio Medianeira, como era uma universidade pública não pensei duas vezes ao escolher em qual das duas ficaria. Minha família ficou muito feliz por mim, porém triste por ter que morar longe de todos, mas me apoiaram a todo o momento, o que foi fundamental para me sentir segura.

Logo que cheguei a Santa Maria, apresentei-me na coordenação do curso, conheci o secretário do curso que na época me ajudou muito, logo no início me

inscrevi no PIBID e comecei um estágio em uma escola. Eu estava realizada por ter conseguido conquistar algo que há tanto tempo estava sonhando. Com o passar do tempo no curso, precisei trabalhar em outras áreas, porém estava afastada da vivência de uma sala de aula com crianças e o que me aproximava da realidade de uma educadora eram as aulas proposta por professores e debates entre a turma trazendo seus exemplos.

A maioria de minhas colegas trabalhavam como auxiliares, sempre tinham o que contribuir em momentos de discussões. Quando ouvia elas falarem eu ficava imaginando o que teria feito em cada momento, baseando-me no que estávamos aprendendo na teoria, mas sempre sentia que precisava ter vivências com as crianças nas escolas.

No quarto ano de faculdade consegui me organizar e por fim me dedicar ao que realmente queria, passei a fazer estágio em uma escola na Educação Infantil e também consegui participar do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Linguagens, Infâncias e Culturas (GEPLIC) orientado pela professora Kelly Werle. A partir deste momento, consegui ter experiências como profissional e acadêmica, podendo finalmente falar de minhas experiências como auxiliar. Além disso, consegui compreender melhor as aulas na Pedagogia, a partir das vivências cotidianas com as crianças na escola. Nesse período passei a realizar as disciplinas obrigatórias de inserção e monitoria e logo após, o estágio supervisionado em Educação Infantil.

Durante o estágio que realizei em uma turma de pré B (crianças de 5 para 6 anos de idade) tive como experiências, planejamentos, relatórios, regência assim como momentos de trocas com as crianças a partir de diálogos ou apenas escutas. Considero que esses momentos proporcionam muitas aprendizagens, porém, são desafiadores. Em algumas situações eu sentia medo de fazer algo errado, não saber o que fazer frente às crianças ou não ter as respostas para possíveis questionamentos realizados por elas, mas penso que medos servem para que tenhamos cuidado e possamos estar mais atentas e não para nos recuarem e fazer com que acabamos desistindo.

Logo em seguida passei em um processo seletivo para auxiliar na escola que trabalho hoje como regime CLT. Confirmei mais uma vez que tinha escolhido o curso certo, passei a trabalhar como auxiliar em uma turma do Maternal A, no qual foi um

desafio muito grande, por serem crianças bem pequenas¹, (crianças de 01 a 3 anos de idade), mas ao mesmo tempo muito gratificante, acredito que essa turminha selou minha admiração pela EI.

Desfrutei de situações incríveis nas quais aquelas crianças tão pequenas me proporcionaram, descobri nessa turma mais uma vez que o afeto, cuidado, olhar atento, escuta sensível eram elementos fundamentais para o bom desenvolvimento daquele pequeno grupo. Percebi o quanto precisavam de nós, professoras, e, ao mesmo tempo, eram tão independentes repletos de sentidos e significados adquiridos em suas vivências sociais e culturais.

Posso dizer que, uma das experiências que mais me marcou nessa turma foi o momento do desfralde no qual me questionei muito referente ao tempo das crianças e consegui perceber o quanto essa etapa era importante e ocorria de maneira diferente para cada um.

Portanto, podia sentir que meus dias e meu papel como auxiliar davam sentido a minha presença naquele espaço. Penso que é importante dar um significado ao que fazemos e estar em um ambiente escolar faz todo o sentido, sendo assim, o motivo no qual escolhi a Pedagogia e, por fim, a Educação Infantil.

1.2 APRESENTANDO O TEMA DE PESQUISA

Conforme dito anteriormente, em uma experiência na turma do Maternal A, no mês de novembro de 2019, presenciei o período do desfralde. Percebi que cada criança possuía seu tempo e sua forma de viver este momento de maneira individual. Para alguns parecia ser um momento com muito significado, o que era possível ver na forma que celebravam cada vez que conseguiam chegar a tempo ao banheiro, ou até mesmo para os meninos o fato de estar de cueca e não de fralda, alguns corriam até a sala para contar a todos que “fiz xixi no vaso”.

Para outros parecia não fazer muita diferença, não demonstravam interesse por esse momento, mesmo sem fraldas, faziam suas necessidades na roupa e seguiam brincando e quando questionados normalmente ficavam em silêncio. Nesta turma também tinha um menino que não queria de maneira nenhuma usar o

¹ Termo utilizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2017) para identificar a faixa etária das crianças de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses considera-se criança bem pequena.

banheiro, notei que ele segurava suas necessidades fisiológicas, ou seja, ficava agitado andando de um lado para o outro dentro da sala, não fazia na roupa e também não aceitava ir ao banheiro.

Em alguns momentos, ele me solicitava que colocasse nele a fralda, até que eu acabava colocando, logo ele parecia realizado, tanto que no mesmo momento precisava realizar a troca da fralda, pois ele segurava suas necessidades boa parte do dia. Sempre que acabava o dia eu refletia o porquê tinha que ter um tempo determinado para o desfralde se a criança ainda não se sentia preparada? Por que seus responsáveis insistiam que essa criança tinha que ser desfraldada junto com os demais colegas? Por que não aceitavam que seu filho ainda não manifestava estar envolvido neste processo? E as outras crianças que também não demonstravam nenhum tipo de interesse, por que era preciso exigir delas algo que talvez ainda não fizesse sentido naquele momento? Cabe ao(a) professor(a) ou aos familiares decidirem quando o desfralde da criança deve ocorrer? Qual a importância que os responsáveis e os(as) professores(as) atribuem para esse processo? Como isso pode repercutir no desenvolvimento dessas crianças?

Acredito na importância desse processo na vida de cada criança, o qual precisa ser visto com um olhar mais atento e sensível, tanto pelos profissionais preparados para saber lidar com a diversidade de sentimentos demonstrados pelas crianças, quanto com um olhar de respeito e afetividade dos familiares. O adulto tem um papel muito importante para o auxílio e amparo necessário para cada fase do desenvolvimento da criança, porém, não cabe a ele decidir de forma homogênea quando um grupo de crianças bem pequenas estão preparadas para iniciar o desfralde.

Adquirir o controle de suas necessidades precisa ser visto pelos adultos como um processo natural, o qual necessita de tempo e de respeito para que a criança sinta-se segura para deixar suas fraldas, e não como uma forma impositiva de tirar dela algo que talvez ainda seja necessário.

Desta forma, trago como questão de pesquisa: Qual o entendimento de professores(as) e familiares sobre o processo de desfralde de crianças bem pequenas na Educação Infantil?

O objetivo geral será compreender as complexidades e desafios do processo de desfralde de crianças bem pequenas. Para que este objetivo seja atingido, ele foi

dividido em três objetivos específicos que consistem em: a) Identificar como os familiares por essas crianças compreendem o processo de desfralde; b) Compreender qual o entendimento dos(as) professores(as) sobre o tempo do desfralde de crianças bem pequenas; c) Analisar quais estratégias são realizadas pelos(as) professores(as) e pelos familiares no momento do desfralde de crianças bem pequenas.

No segundo capítulo deste trabalho, vou apresentar uma revisão de literatura, focalizando o educar e cuidar na Educação Infantil, bem como, o processo do desfralde de crianças bem pequenas, a partir das reflexões de alguns autores tais como, Craidy e Kraercher (2001), Sayão (2010), Barbosa e Quadros (2017). No terceiro capítulo, vou apresentar o caminho metodológico da pesquisa, em seguida no quarto capítulo procedo com a análise dos resultados, juntamente com a triangulação com referencial teórico, tendo como orientação teórica para a triangulação, Flick (2008). E por fim, no último capítulo retorno minhas análises feitas durante o trabalho e concluo esse estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo apresenta a revisão de literatura que busca dar sustentação e embasamento teórico ao presente estudo. Inicialmente, será abordado o conceito de criança e a finalidade da Educação Infantil. Após, será discutido sobre o princípio norteador educar e cuidar, juntamente com a importância do respeito ao tempo da criança e a descoberta do seu corpo, focalizando, então, o processo do controle dos esfíncteres e o desfralde.

2.1 EDUCAR E CUIDAR PARA GARANTIR OS DIREITOS DAS CRIANÇAS

A criança, como todo ser humano, está inserida em um contexto social e histórico, sofrendo influências da sociedade e apropriando-se de valores e comportamentos próprios de seu tempo e lugar, construindo saberes, conhecendo a si mesma através de seu corpo e percebendo o outro através das relações. Neste sentido, considera-se a criança como um sujeito que possui direitos e tem capacidade de produzir cultura.

A criança é a pessoa, o cidadão com direitos, e deve ser considerada um ator social, sujeito de seu processo de socialização, um consumidor com poder, um indivíduo emancipado em formação, isto é, que está aprendendo (ou não) a exercer seus direitos. [...] (BELLONI, 2009, p.8).

Os direitos da criança devem ser considerados de suma importância e zelados por qualquer adulto que garanta a ela que tenha direito de viver a infância, de afeto, de ter opinião, de sonhar, de aprender assim como também o direito de se desenvolver integralmente. Desta forma, a BNCC (BRASIL, 2017, p.38) nos aponta alguns dos direitos da criança em aprendizagem e desenvolvimento, os quais são:

Conviver em grandes ou pequenos grupos utilizando diversas linguagens ampliando seus conhecimentos de si e do outro respeito em relação à cultura e a diferença entre as pessoas; Brincar em diferentes espaços, tempos com diferentes parceiros ampliando imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais; Participar ativamente em planejamentos e atividades propostas pelo educador, quanto a realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, materiais e dos ambientes; Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções e transformações, arte, a escrita, a ciência e a tecnologia; Expressar como sujeito dialógico criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, descobertas através das linguagens; Conhecer-se e construir sua identidade pessoal social e

cultural, através de interações, brincadeiras, linguagens no seu contexto comunitário e escolar.

Conforme os direitos da criança expressos pela BNCC, pode-se compreender a importância de garantir que as crianças possam vivenciar experiências que possibilitem a liberdade e autonomia para se conhecer, expressar-se, dar opinião, desenvolver estratégias, formular perguntas, pensar sobre si e o outro, pois é nessa fase do desenvolvimento que a criança vai construindo sua identidade.

Para além dos direitos de aprendizagem, a educação é também direito de toda e qualquer criança e o Estado possui o dever de concedê-la, tendo como obrigatoriedade a inserção da criança a partir dos quatro anos de idade, conforme nos apresenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIS, BRASIL, 2010).

A Educação Infantil oferecida em creches e pré-escola se caracteriza por um ambiente institucional e não doméstico sendo ofertado em espaços públicos ou privados com intuito de cuidar e educar crianças de 0 aos 5 anos de idade, podendo ocorrer em turno integral com duração igual ou superior a 7 horas diárias ou parcial de no mínimo 4 horas diárias (BRASIL, 2010).

Conforme as DCNEIS (BRASIL, 2010) e a BNCC (BRASIL, 2017), a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e, na maioria das vezes, as creches ou pré-escolas possibilitam as primeiras interações em diferentes espaços e tempos com um grupo social no qual a criança passa a formar vínculos, além dos já construídos em núcleo familiar, tornando assim parte de uma situação de socialização, onde a criança pequena passa grande parte do seu tempo em um ambiente escolar.

A Educação Infantil nas últimas décadas vem fundamentando a concepção que vincula educar e cuidar, tendo como compreensão que o cuidado é algo indissociável do processo educativo, pois, as crianças pequenas têm a necessidade de cuidados afetivos, biológicos, segurança e de atenção para poder se desenvolver de forma integral.

Conforme Craidy e Kraercher (2001, p.70).

A dicotomia, muitas vezes vivida entre o cuidar e o educar deve começar a ser desmistificado. Todos os momentos podem ser pedagógicos e de cuidados no trabalho com crianças de zero a seis anos. Tudo dependerá da

forma como se pensam e se procedem às ações. Ao promovê-las proporcionamos cuidados básicos, ao mesmo tempo em que atentamos para construção da autonomia, dos conceitos, das habilidades, do conhecimento físico e social.

Nesse contexto, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2017) podemos salientar a importância do cuidar juntamente com o educar na Educação Infantil, percebendo o quanto essas ações de cuidados devem também ser pensadas como momentos pedagógicos. A todo o momento a criança está em constante desenvolvimento e necessita do auxílio de um adulto, o qual precisa levar em consideração as vivências e as rotinas culturais construídas pelas crianças em ambientes familiares e comunitários, sendo necessário articulá-los em suas propostas pedagógicas, com o objetivo de expandir as experiências das crianças.

A criança vive suas interações com o outro e com os recursos a sua volta vai construindo significados para tudo ao seu redor, participando de experiências culturais juntamente com seu grupo social, as quais chamamos de educação. Porém, essas experiências culturais não podem ocorrer de forma isolada sem estarem inseridas em um local de cuidados com experiências de vida afetiva e de um contexto material que lhes dê amparo. (CRAIDY; KAERCHER, 2007).

As DCNEIS ratificam a importância do educar e cuidar e nos ajudam a entender que são indissociáveis.

Educar exige cuidado; cuidar é educar, envolvendo acolher, ouvir, encorajar, apoiar, no sentido de desenvolver o aprendizado de pensar e agir, cuidar de si, do outro, da escola, da natureza, da água, do Planeta. Educar é, enfim, enfrentar o desafio de lidar com gente, isto é, com criaturas tão imprevisíveis e diferentes quanto semelhantes, ao longo de uma existência inscrita na teia das relações humanas, neste mundo complexo. Educar com cuidado significa aprender a amar sem dependência, desenvolver a sensibilidade humana na relação de cada um consigo, com o outro e com tudo o que existe, com zelo, ante uma situação que requer cautela em busca da formação humana plena. (DCNEIS, BRASIL, 2010, p. 18).

Percebe-se a importância do cuidar e do educar para o desenvolvimento da criança sendo ações indissociáveis nesse processo, compreendendo o espaço e o tempo que ela vive, necessitando da mediação de um adulto que busque compreender os sentidos e os significados de cada uma das ações desenvolvidas junto às crianças. Contudo, nem sempre esse entendimento do cuidar/educar se faz

presente nas práticas cotidianas da Educação Infantil, pois existem marcas do passado.

As creches foram criadas para atender os órfãos e os filhos de mulheres trabalhadoras, portanto a origem das creches era para acolher as necessidades da população de onde deixar seus filhos em horário de trabalho, tendo assim como função de guarda com caráter assistencialista. Somente após a Constituição Federal de 1988 que a criança passa a ser sujeito de direitos tendo, assim, o direito à creche, passando a ser um dever do Estado garantir a ela. Em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), as creches passaram a incorporar o aspecto educativo. Desta forma, com o decorrer do tempo, instalou-se uma tensão referente ao cuidar/educar na Educação Infantil (BORGES, 2010).

Quando as creches deixaram de estar vinculadas ao assistencialismo, após a Constituição de 1988, para integrar a primeira etapa da Educação Básica (LDB, 9394/1996) pensava-se que o centro era a intencionalidade educativa, desta forma, passou-se a valorizar mais o que se entendia por práticas pedagógicas em detrimento aos cuidados.

Quando se apregoou que as creches precisariam se tornar educacionais e se rejeitaram essas dimensões fundamentais da educação da criança pequena, o que se fez foi colaborar para que os cuidados e a assistência fossem deixados de lado, secundarizados. Ou seja, que os cuidados fossem prestados de qualquer maneira, porque o que importaria era o educacional, considerado atividade nobre em oposição às tarefas desagradáveis como trocar fraldas de bebês, ou qualquer outro tipo de cuidado. (KUHLMANN JÚNIOR, 1998 apud SAYÃO, 2010, p. 206).

Infelizmente, ainda é muito comum encontrar profissionais que não conseguem entender o cuidar/educar como algo que se complementa e sim como um trabalho a mais para ser feito, ou algo menos importante na ação pedagógica. Pois, se, historicamente, a ação de cuidar do corpo era vista como algo negativo, como passar a ter um olhar positivo e consciente para essa ação hoje em dia?

Algumas vezes, eu já vivenciei em uma escola de Educação Infantil momentos no qual a ação de cuidar do corpo da criança era menos importante que uma atividade em sala de aula. Acompanhar a criança no banheiro ou trocar fraldas, por exemplo, deveria ser feita pela auxiliar de turma e de preferência do sexo feminino e não pela professora regente que estaria fazendo atividades em sala de aula, as quais eram consideradas ações pedagógicas.

Lamentavelmente, ainda é muito comum estereótipos relacionados ao gênero, principalmente quando se trata da educação/cuidado com a criança pequena. Para muitas pessoas, a Educação Infantil é entendida como profissão destinada a mulheres, baseado em atribuições maternas que envolvem cuidar e educar. Sayão (2010) comenta que essa associação está vinculada a pensamentos da sociedade, em que a mulher é quem cuida e educa e o homem é o responsável por manter financeiramente a família.

Badinter (1993 apud SAYÃO, 2010, p.168) traz uma reflexão alegando que, para exercer o materno ou cuidar de criança pequena, não existe sexo definido, pois, acredita-se que homens e mulheres são capazes de cuidar de crianças e que essa ação depende das experiências vivenciadas no seu contexto sociocultural. Para a autora, os cuidados são elementos histórico-culturais que, tanto homens, quanto mulheres podem aprender. Cabe ao interesse dos homens em aprender e a boa vontade das mulheres que estão próximas em ensinar e compartilhar experiências.

Atualmente, a presença de homens na docência da Educação Infantil até o momento é minoria comparado com as mulheres, e ainda gera certo estranhamento, principalmente, por questões do rótulo generalizado de abuso infantil, no qual se pensa que somente homens são capazes de cometer.

É como se a maternidade efetiva ou potencial de qualquer mulher impedisse, ou bloqueasse, a erotização de suas interações com a criança. As imagens de inocência e pureza ligadas à maternidade não parecem extensivas à paternidade. Quando homens se dedicam ao trabalho educativo com crianças pequenas passam a ser suspeitos tanto sobre sua identidade masculina, quanto sobre sua moralidade. (CAMPOS, 1991 apud MONTEIRO; ALTMANN, 2014, p. 16).

De todo modo, é importante destacar que, embora, o percentual dos professores homens ainda seja minoria, eles existem na Educação Infantil e lutam para garantir seu espaço nesta modalidade de educação.

Sayão (2010) comenta que em suas investigações era possível perceber nas falas de profissionais certa rejeição quando se falava do cuidar, como se o cuidar/educar fosse algo totalmente dissociável, principalmente, quando o cuidado se referia ao corpo. A autora entende que é importante atentar-se nas intenções, sentimentos e os significados que possui o cuidar, pois “continuar negando que há uma dimensão que é corporal na educação dos/as pequeninhos/as significa negar a

totalidade do humano e reiterar a velha dicotomia corpo e mente”. (SAYÃO, 2010, p. 72).

É preciso salientar que o cuidado deve considerar toda e qualquer necessidade da criança, a partir da observação, momentos de escuta e principalmente do respeito nas suas particularidades, enxergando a criança como um ser de potencial que constrói seu conhecimento através de suas ações, possibilitando a ela o tempo necessário de se conhecer, conhecer seu próprio corpo, aspectos que envolvem o controle de seus esfíncteres e o processo de deixar de usar fraldas, o que será abordado no próximo subcapítulo.

2.2 EDUCAR E CUIDAR: O PROCESSO DO DESFRALDE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Adquirir controle de suas necessidades fisiológicas e deixar de usar fraldas envolve descobertas, principalmente em processo de desfralde, no qual a criança passa a compreender não somente a ação de ir ao banheiro, mas também ter uma coordenação corporal e maturidade para entender os sinais do seu corpo, e assim conseguir controlar os músculos que são capazes de liberar ou reter o xixi e o cocô.

Na medida em que a criança vai se desenvolvendo e conhecendo seu corpo, consegue tornar a ação de controlar o cocô e o xixi de forma voluntária, tendo assim seus primeiros momentos de autonomia e de descoberta necessitando de compreensão, cuidado e carinho. Os adultos que são referências afetivas para a criança precisam compreender a relevância desta etapa e oferecer espaço, tempo e suporte para que ela possa vivenciar esse processo de forma natural.

Gomes (2019) em sua pesquisa na área da Enfermagem apresenta algumas habilidades necessárias para o processo de desfralde referindo-se aos “sinais de prontidão” sendo eles: andar, concentrar-se em alguma atividade, saber dizer sim ou não, identificar onde se guarda determinado objeto, imitar comportamento dos pais, ter horários para realização fisiológica sendo manhã ou tarde e saber tirar e colocar a roupa sozinha.

A autora retrata também, duas formas, frequentemente, utilizadas para realizar o processo de retirada da fralda, a primeira que seria uma forma “passiva” no qual o interesse da criança é considerado e tem por finalidade gerar menos ansiedade na criança e respeitar o seu tempo. A segunda forma é a “rápida” que

acontece na forma de repetição, de maneira mais estruturada, baseada em experiências anteriores dos adultos.

De acordo com Barbosa e Quadros (2017), muitas vezes, a retirada de fraldas ocorre por imposição dos adultos, mesmo quando a criança não está preparada para o momento. Quando utilizamos do termo "retirar fralda" estamos dizendo que o adulto quem está retirando da criança e não ela que está deixando de usar a fralda como um processo natural. Não deve ser o adulto quem retira, mas sim a criança que deixa de usá-la. Conforme Barbosa e Quadros (2017, p. 47)

Há demasiadas exigências de autocontrole, pressa na aquisição de determinados comportamentos, pouca reflexão e decisões tomadas a partir de teorias elaboradas pelas experiências pessoais, sustentadas no senso comum, e, também, a ausência de discussão pedagógica sobre o tema no espaço coletivo da escola.

Deixar as fraldas é uma das primeiras cobranças para a criança bem pequena em meio à socialização, assim como, também, é um processo de muita ansiedade para os responsáveis que acabam, muitas vezes, pressionando a criança para que controle suas fezes e urina ou que permaneça por longos períodos sentados no penico até que façam suas necessidades. (CRAIDY; KERCHER, 2007).

De acordo com Barbosa e Quadros (2017, p. 47),

A aprendizagem dos cuidados pessoais, especialmente o controle dos esfíncteres e o uso social do banheiro, por exemplo, são grandes desafios de ordem cognitiva, social e motora, que vão habilitar a criança a pertencer a determinado grupo social com autonomia e interdependência.

Para Barbosa e Quadros (2017), a autonomia da criança é considerada uma grande conquista da pequena infância, na qual é capaz de ter cuidados com o próprio corpo, tendo consciência e controle de suas ações, identificando o que seu corpo produz e opinando na forma de se vestir, sendo roupas, calçados e até adereços. Em geral, são pontos insignificantes ao olhar de um adulto, mas para a criança pequena são ações relevantes para o seu desenvolvimento.

Controlar os esfíncteres é ter controle da eliminação da urina e das fezes, o termo esfíncter² é utilizado para identificar os músculos circulares responsáveis por monitorar o grau de amplitude de um determinado orifício como fechar e abrir as cavidades sendo elas: esfíncter da bexiga, da boca e do ânus, dentre outros.

² Informação consultada no dicionário disponível em: <https://dicionario.priberam.org/esf%C3%ADncter>

Segundo Mota (2008) um determinado controle esfínteriano com reflexo limitado pode começar ocorrer a partir dos nove meses de idade, contudo a criança não está desenvolvida cognitivamente para controlar os esfíncteres completamente entre os 12-18 meses.

Ao redor de um a dois anos, a criança começa a ter consciência das sensações que acompanham o enchimento da bexiga. Aos três anos de idade, a criança é capaz de reter a urina por um controle voluntário consciente da musculatura. (MOTA, 2008, p. 27).

A consciência do controle dos esfíncteres em uma criança bem pequena pode ser observada através do comportamento durante os momentos de trocas de fralda, até mesmo enquanto a criança está realizando suas necessidades fisiológicas, algumas expressões emitidas por elas podem nos levar a perceber o quanto a criança percebe esse processo.

Segundo Brazelton (1962 apud MOTA, 2008, p. 29) a criança passa a informar quando “está xixi” ou “está molhado” por volta de 15 aos 18 meses de idade, significando que está identificando sua função miccional.

Por esta razão, a escola de Educação Infantil além de perceber os sinais emitidos pelas crianças para o processo de desfralde, pode conscientizar os responsáveis para dar o suporte necessário, pois, é importante que isso aconteça de maneira articulada, ou seja, em casa e na escola.

É importante respeitar o tempo de cada criança e não impor a permanência no penico ou no vaso sanitário por um longo período para que realize suas necessidades. Tampouco, brigar com ela por não ter conseguido se segurar, o que pode ser considerado como maus-tratos. Com essa atitude impaciente do adulto pode-se gerar sérias consequências psicológicas para a criança como, até mesmo, o pânico de ir ao banheiro e a negação de ir à escola. (CRAIDY; KERCHER, 2007).

As práticas educativas com crianças pequenas necessitam de tempo para que ocorram em sua integridade. O tempo para cada criança funciona de diferentes formas, sendo algo muito particular para fazer, desfazer, refazer, repetir e recorrer. (BARBOSA; QUADROS, 2017).

Nesse sentido, conforme Barbosa e Quadros (2017), a criança pequena precisa ter seu tempo respeitado pela escola para interação interpessoal, brincar e realizar novas descobertas, investigar e encantar-se pela vida ao seu redor. É

preciso não apressar, não acelerar, não entrar na lógica capitalista, mas oferecer tempo para as crianças aprenderem e apreenderem-se no mundo (BARBOSA, 2013).

Craidy e Kercher (2007) salientam que é preciso respeitar o tempo de cada criança em sua singularidade, não levando grupos de crianças juntas ao banheiro para que todas façam xixi ou cocô nos mesmos horários, como se todas tivessem vontade de fazer suas necessidades sempre na mesma hora. Essa atitude é também considerada como uma forma de desrespeito aos direitos da criança.

Conforme os Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009), respeitar os direitos das crianças é de grande importância para o seu desenvolvimento, desta forma, podemos pensar sobre alguns direitos como: direito à atenção individual a qualquer momento, serem ouvidas e também respeitadas pelo seu ritmo fisiológico como, por exemplo, no sono, nas evacuações, nas sensações de frio e de calor; direito à higiene e à saúde aprendendo a cuidar de si próprias; direito a expressar seus sentimentos ajudando-as desenvolverem sua autonomia.

Desta forma, é possível compreender que o desfralde na Educação Infantil é também um momento muito importante na construção da autonomia das crianças pequenas, assim como a higiene pessoal que são aprendizagens socioculturais vivenciadas de diversas maneiras e localidades (BARBOSA; QUADROS, 2017). É preciso estar presente, não só fisicamente nas ações de cuidados, mas sim perceber o que se pode proporcionar para o desenvolvimento da criança através das ações pedagógicas no contexto da Educação Infantil.

3 CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma abordagem qualitativa e foi desenvolvida através de um estudo com questionários, referente ao processo de desfralde de crianças pequenas na Educação Infantil. De acordo com Flick (2008), a pesquisa qualitativa é relevante ao estudo das relações sociais, devido à pluralização da sociedade, visando diluir as velhas desigualdades sociais dentro de diferentes espaços, culturas e formas de vida. Assim, exige do pesquisador uma nova sensibilidade para o estudo empírico.

Flick (2008) aborda sobre os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa, referindo-se à necessidade de realizar escolhas de métodos/teorias adequadas, ao reconhecimento e à análise de diversas concepções/compreensões sobre a pesquisa. Nesse sentido, os pesquisadores devem refletir que suas pesquisas podem servir de instrumento para a geração de novos conhecimentos e na variedade de métodos/abordagens.

Segundo Matias-Pereira (2019), a pesquisa qualitativa não utiliza de resultados numéricos, mas sim da interpretação dos fenômenos e da atribuição dos significados. O pesquisador é o principal instrumento da pesquisa e a fonte direta para coleta de dados é o próprio ambiente natural de interesse.

A partir dos mais variados aspectos que a abordagem qualitativa nos permite analisar, entende-se que essa pesquisa caracteriza-se como exploratória. Conforme Gil (2010), a pesquisa exploratória tem como objetivo possibilitar maior aproximação com o problema, com o propósito de aperfeiçoar ideias e construir hipóteses, através de entrevistas com pessoas que já possuem experiências com o problema pesquisado.

Como sujeitos de pesquisa, participaram duas professoras e seis mães das crianças de uma turma de Maternal A (2 a 3 anos), de uma escola da rede privada, no município de Santa Maria/RS. A escolha por essa escola ocorreu em função da minha experiência profissional, fui contratada pela escola em regime CLT para exercer a função de Auxiliar de Educação Infantil. No início fui volante, minha função era auxiliar nas turmas em dias de planejamento das professoras regentes. Após seis meses, passei a ser auxiliar da turma do Maternal A, foi então que pude

acompanhar o processo de desfralde na vida das crianças e escolhi realizar a pesquisa.

Como instrumento metodológico para a produção dos dados optou-se pelo questionário³. Flick (2008) comenta que a pesquisa qualitativa, quando decorre de entrevista, geralmente acontece de maneira presencial, com objetivo de o pesquisador estimular o diálogo, a fim de obter maiores detalhes e informações, porém devido às variadas situações como deslocamento, localização ou o participante sentir-se apreensivo em responder frente ao entrevistador, pode-se utilizar da entrevista online.

O autor denota que a entrevista online pode ser organizada de duas formas, síncrona que significa entrar em contato em uma sala de bate papo e assíncrona que se refere ao envio de questionários ao entrevistado, podendo responder após um determinado tempo.

A pesquisa foi realizada por meio de dois questionários online elaborados na plataforma Google formulários, um deles direcionado aos familiares e o outro às professoras. Devido ao momento no qual o mundo está vivenciando de isolamento social, a entrevista não pôde ser feita de maneira presencial⁴, optei, portanto, pela entrevista online assíncrona através do questionário.

Deste modo, foi solicitado à coordenação da escola permissão para entrar em contato com os familiares convidando-os para participarem da pesquisa, pois, o questionário seria enviado para o e-mail dos participantes. Foram enviados o total de 13 questionários com 4 perguntas abertas e 3 fechadas, dos quais tive o retorno de 8. Junto ao e-mail também foi enviado um termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁵, a fim de atender as questões éticas da pesquisa. Nesse sentido, também optei por não revelar a identidade dos participantes.

Para análise dos resultados, utilizei o processo de triangulação dos dados amparando-me na teoria de Flick (2008), o qual explica que a mesma refere-se ao uso de diferentes fontes ou diferentes sujeitos, como utilizado nesse estudo, articulando-se às reflexões teóricas, reflexões a partir dos sujeitos e a análise dos dados. Essa triangulação não significa avaliar os resultados, mas ampliar sistematicamente a produção do conhecimento.

³ O autor aponta que a entrevista pode ser realizada através de um questionário ou conversa.

⁴ Pandemia de COVID-19 declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

⁵ Conforme os padrões e ética na pesquisa do Comitê de Ética da UFSM.

4 ANÁLISE REFLEXIVA

Neste capítulo vou apresentar uma análise reflexiva a partir das respostas obtidas por meio dos questionários com perguntas abertas e fechadas, realizados com 2 professoras e 6 mães das crianças da turma do Maternal A.

Primeiramente, vou analisar os dados referentes ao questionário das mães, após, realizarei a análise dos dados das professoras, sendo finalizado com uma reflexão envolvendo os familiares e as professoras.

4.1 O ENTENDIMENTO DOS FAMILIARES SOBRE O DESFRALDE

Para a realização do envio dos questionários para os familiares, primeiramente, entrei em contato com a Coordenadora Pedagógica da escola, a fim de conseguir o contato dos familiares e também pedir autorização para a pesquisa, por motivo de que, existe um acordo entre gestão e os funcionários de não manter contato com as famílias.

Desta forma, a Coordenadora Pedagógica entrou em contato com os pais e informou o meu interesse em realizar um estudo contando com a participação dos familiares. Com a permissão deles, recebi então, uma relação com e-mail para o envio do questionário, os endereços de e-mails recebidos foram tanto de pais quanto de mães.

A partir dos questionários respondidos posso destacar como perfil dos filhos dos entrevistados que, uma criança tinha em torno de 2 anos e 11 meses e as outras cinco crianças tinham em torno de 3 anos e 11 meses. Apenas uma das 6 crianças, ainda não havia realizado o processo de desfralde.

Outro aspecto importante foi que, apesar dos questionários serem enviados para e-mails tanto das mães quanto dos pais, todas as perguntas foram respondidas pelas mães o que ressalta o quanto o cuidar e educar crianças bem pequenas, principalmente, quanto trata-se de cuidados com o corpo, como, por exemplo, o envolvimento com a troca de fraldas e o processo de desfralde, ainda está relacionado ao sexo feminino.

Conforme já discutido através da reflexão de Sayão (2010) a ação do cuidado está vinculada a pensamentos da sociedade, no qual a mulher é quem cuida e educa e o homem é o responsável por manter a família. São marcas históricas e

culturais que repercutem até hoje, o pensamento de que as mulheres nascem e são criadas para isso, ou possuem o dom e a delicadeza do cuidado que os homens por serem homens não possuem.

Ao longo do tempo, a responsabilidade feminina pelo cuidado das crianças se naturalizou, assim como também se naturalizou que toda a mãe tem um amor incondicional por seu filho e que por ser mulher naturalmente está mais apta que o homem para cuidar dos/as filhos/as. (SALVA, 2013, p. 9).

Na maioria das vezes, as mulheres desde pequenas são educadas para cuidar do outro e da casa, desde muito cedo são presenteadas com bonecas e panelinhas, entretanto, quando um menino se interessa em brincar com bonecas ou panelinhas já é um sinal preocupante para a família, passando a gerar dúvidas sobre sua masculinidade.

Acredito que os homens/pais são tão capazes quanto às mulheres/mães, pois o cuidar não está relacionado com o gênero, dons ou crenças, mas sim com as experiências vivenciadas ao longo de sua educação e sua vida. Todos nós nascemos com a capacidade de cuidar, cabe às famílias e a nós mesmos entender o cuidar como uma ação humana e a divisão do trabalho são apenas construções sociais.

Em seguida, busquei entender como esses familiares consideram esse momento na vida das crianças, através das respostas das mães foi possível perceber que elas compreendem que se trata de um momento importante na vida dos pequenos, decisivo e que envolve a descoberta sobre si, assim como complicado, necessitando de adaptação e muita paciência por parte dos adultos.

Estar atento e compreender a importância do desfralde na vida das crianças exige do adulto sensibilidade e paciência para perceber os sinais apresentados pelos pequenos e assim proporcionar momentos agradáveis e de segurança para esse processo do desenvolvimento.

Em relação a quando pode ser iniciado o desfralde e os aspectos que consideram importante para este momento, em todas as respostas das mães, foi levado em consideração o tempo e a vontade da criança.

Mãe 1: A própria vontade da criança.

Mãe 2: Dependendo da criança, os pais devem observar se é o momento certo para não acabar causando trauma. É preciso conversar, se escapar procurar incentivar e não repreender.

Mãe 3: No tempo da criança.

Mãe 4: Quando a criança se sentir segura

*Mãe 5: Tempo da criança, observando os sinais que ela dá.
Mãe 6: Quando estiver pronta*

Diante das respostas das mães foi possível refletir sobre a importância do tempo da criança e que o desfralde precisa acontecer de forma natural exigindo da criança entendimento mínimo sobre seu corpo para compreender os sinais emitidos pelo seu organismo. É preciso levar em consideração que é a criança quem deve estar pronta para esse momento e cabe aos adultos ficarem atentos e darem o suporte necessário.

Pode-se lembrar como já dito nesta pesquisa, com base na reflexão de Barbosa e Quadros (2017) que a aprendizagem e o controle dos esfíncteres são grandes desafios cognitivo, social e motor para a criança. Desta forma, respeitar a criança e estar atento aos sinais é muito importante para que ela sinta-se segura.

Referente a quais estratégias que as famílias utilizam para auxiliar a criança no processo de deixar as fraldas, foi possível perceber que algumas usavam artifícios comuns, como, por exemplo, comprar um troninho ou penico, e ir introduzindo junto com a criança a rotina de ir ao banheiro.

*Mãe 1: Quando percebi os sinais, comecei a deixar sem fraldas e incentivar o uso do banheiro.
Mãe 3: Comprei um troninho e explico como ele deve fazer e pedir.
Mãe 4: Deixava dar tchau para o cocô.*

Dentre as mães que participaram da pesquisa, uma destacou-se pois, apesar de não ter uma formação pedagógica, buscou aperfeiçoar suas estratégias utilizando práticas ligadas ao cotidiano da criança, adotando recursos um pouco mais elaborados, demonstrando preocupação e preparação para dar início ao processo. *“Comprei um troninho musical e contei a historinha do ratinho que usava fralda. Ele via a irmã ir ao banheiro e logo começou a pedir também” (Mãe 6).*

Referente a essas estratégias da Mãe 6, que aliou a música e a literatura, pude refletir o quanto o uso de materiais lúdicos podem auxiliar a criança para o entendimento do que está acontecendo com o seu corpo.

O livro infantil mencionado pela mãe, conta a história de um ratinho muito curioso que gosta de descobrir de como é tudo por dentro, colocava o nariz em cada buraco, nada passava por ele. Até que um dia chegou, o ratinho estava curioso para saber o que tem dentro da fralda de seus amigos. Então, perguntou para o

coelho, a cabrita, o cachorro, o bezerro, o potrinho e o porquinho e sempre que abrem suas fraldas, estão sujas de cocô de diversas formas e tamanhos. Mas, seus amigos também ficando curiosos e pedem para ver o que tinha dentro da fralda do ratinho. E... Surpresa! A fralda estava limpa, nada de cocô. O ratinho explica que estava limpa, pois ele faz cocô no peniquinho. No final da história todos aparecem felizes usando seus penicos.

Existem livros infantis⁶ que tematizam esse processo e mostram que a necessidade de fazer xixi ou cocô acontece tanto com as pessoas, quanto com os animais, fazendo com que a criança passe a compreender esse processo como algo natural. Lembrando que os livros e as músicas podem auxiliar neste processo de desenvolvimento, mas não devem ser utilizados para apressar o controle dos esfíncteres.

Assim como é preciso estratégias para dar suporte no processo de deixar as fraldas, existem elementos muito importantes que podem auxiliar na segurança da criança e na participação da família. Na fala da Mãe 5 foi possível identificar seu envolvimento demonstrando sensibilidade ao estar atenta aos sinais emitidos pela criança, preocupando-se e levando em consideração os sentimentos manifestados por ela nesse momento.

Devido ao meu contato próximo com a criança da Mãe 5 e, também, por ser auxiliar na turma, muitas vezes, ouvi os relatos da mãe referente aos sinais expressados pela criança, representado pelo desconforto de usar a fralda. A própria criança identificava que tinha feito cocô ou xixi e que precisava trocar a fralda. Essas observações e cuidados realizados pela mãe, certamente proporcionou para essa criança um momento de desfralde baseado em uma relação de segurança.

Mãe 5: Após observar esses momentos e sentimentos que ele demonstrava, iniciei o desfralde, tirando a fralda em algumas horas da tarde, perguntava se ele queria xixi.

Por outro lado, ainda que todas as mães tenham mencionado que o desfralde acontece no tempo da criança, algumas delas acabaram, por vezes, adotando uma estratégia que não condiz com essa ideia. Como por exemplo, anunciar para a

⁶ “O que tem dentro da sua fralda” (GENECHTEN, 2010); ‘O xixi da Lulu” (REID, 2014); “Um presente incrível” (GENECHTEN, 2015); “Da pequena toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela” (HOLZWARTH, 1994).

criança que ela não vai mais usar a fralda, deste modo, percebe-se que não é ela quem está deixando as fraldas e sim é a mãe quem está tirando, partindo assim da imposição do adulto e não da vontade da criança, trago como exemplo a fala da Mãe 2: “Conversei com ela, avisamos que ia começar a usar calcinha durante o dia para usar o peniquinho, avisamos a escola, procuramos levar ela ao banheiro a cada meia hora” (grifos da autora).

É importante respeitar o tempo de cada criança e não impor a permanência no penico ou no vaso sanitário por um longo período para que realize suas necessidades. Os adultos precisam ser pacientes, pois, pode-se gerar sérias consequências como, até mesmo, o pânico de ir ao banheiro. (CRAIDY; KERCHER, 2007).

O processo de deixar as fraldas precisa ser do interesse da criança e não da imposição, crenças ou experiências dos adultos. Ele tem o papel de mediar e incentivar a autonomia da criança, fazendo com que, assim, sintam-se seguras e para deixar suas fraldas.

Entende-se que esse processo é de ansiedade para os responsáveis que acabam pressionando a criança para que controle suas fezes e urina. (CRAIDY; KERCHER, 2007). Muitas vezes, não percebem que toda essa pressa pode ocasionar que a criança acabe inibindo suas necessidades fisiológicas ou até mesmo gerando alguma experiência negativa que prejudique no desenvolvimento de sua autonomia, gerando ansiedade e angústia.

Após compreender quais estratégias as mães utilizam para auxiliar no processo de desfralde da criança, para finalizar o questionário foi investigado onde ocorreu o processo de desfralde da criança. Algumas mães informaram que o desfralde ocorreu em casa e outras na escola juntamente com o desfralde coletivo.

Para as mães que participaram do desfralde juntamente com a escola, descreveram que sua experiência foi positiva, devido seus filhos serem incentivados a verem outras crianças participando do processo e também puderam trocar ideias com a professora da turma.

Penso que, quando o desfralde é realizado juntamente com a escola é preciso criar uma ponte entre a escola e a família, para que haja continuidade e respeito no tempo da criança.

Referente ao desfralde coletivo é preciso pensar na criança como um ser individual e que possui suas necessidades de forma singular. Quando uma criança quer fazer xixi não quer dizer que todas querem, esse pensamento coletivo pode acabar apressando a criança para algo que talvez ainda não esteja sentindo-se, e como consequência pode acabar gerando a sensação de incapacidade por não conseguir fazer o que as outras crianças estão fazendo. O tempo para cada criança funciona de diferentes formas, sendo algo muito particular para fazer, desfazer, refazer, repetir e recorrer. (BARBOSA; QUADROS, 2017).

Para Salva (2016) quando uma criança fica por longo tempo esperando as outras crianças terminarem suas atividades; quando é obrigada a dormir sem ter sono; quando ela não pode usar o banheiro ao sentir necessidade de ir; estamos submetendo a criança ao tempo do relógio e não ao tempo da criança.

4.2 O ENTENDIMENTO DAS PROFESSORAS SOBRE O DESFRALDE

Referente à busca do entendimento das professoras sobre o processo de desfralde, contei com a participação de duas professoras da mesma escola das crianças, as duas professoras possuem graduação em Pedagogia e Especialização, estão na escola há mais de dez anos e já foram professoras regentes de turma do Maternal A. A Professora 1 atualmente trabalha com crianças de 3 a 4 anos e a Professora 2 com crianças de 4 a 6 anos.

No primeiro momento busquei compreender qual o entendimento das professoras referente ao processo do desfralde da criança bem pequena na Educação Infantil, quando acreditam que pode ser iniciado e quais aspectos levam em consideração.

A Professora 1 considera que o desfralde precisa ocorrer da iniciativa da criança, respeitando seu tempo, no qual o adulto não deve interferir ou apressar a criança.

Professora 1: No meu ver acredito que devemos respeitar o momento de cada criança, ou seja, que ela demonstre que quer retirá-las. Não cabe a nós professores estipular um determinado período para retirar a fralda das crianças.

Já a Professora 2 destaca a importância desse momento na vida das crianças e a necessidade do cuidado e atenção para auxiliar nesse processo, preocupando-se em proporcionar segurança e confiança para a criança.

Professora 2: O desfralde é um momento muito importante e delicado para a criança, precisamos ter muito cuidado e atenção em relação a este processo. Esse trabalho deve ser feito em parceria com a escola e a família, de preferência de forma lúdica e prazerosa para que a criança tenha maior confiança e segurança.

Em duas falas da Professora 2 pode-se perceber uma certa carência na reflexão teórica mais aprofundada a partir das suas práticas quando se refere ao tempo da criança, primeiramente, salienta a importância de observar se a criança está preparada ou não para o desfralde, dando por entendido que esse processo deve ocorrer a partir do interesse demonstrado pela criança

*Professora 2: Devemos levar em consideração o **tempo de cada criança**, se realmente está preparada para essa **retirada**.*

Por outro lado faz o uso do termo “**retirada**”, penso que quando se tira algo de uma criança, não é no tempo dela, a ação de tirar é como arrancar algo, ao contrário de permitir com que a criança mesma deixe suas fraldas. Também, apesar de mencionar que não existe uma data exata, traz como referência uma idade de início, o que pode indicar que leva em consideração essa faixa etária para iniciar o desfralde. (grifos da autora)

Professora 2: Não existe uma data exata, mas geralmente o processo do desfralde inicia-se por volta dos dois anos e meio de idade.

Segundo Mota (2008) por volta de um a dois anos a criança passa a ter consciência das sensações do enchimento da bexiga, com três anos de idade a criança consegue reter e controlar a urina de forma voluntária. Contudo, fica difícil estabelecer um período para o início, pois, é preciso levar em consideração a especificidade de cada criança sem limitar a questão de faixa etária.

Logo após a Professora 2, retorna a ideia da importância de estar atento a criança, para que o processo de desfralde aconteça de forma prazerosa e saudável.

Professora 2: Nesse processo, como em todos em que a criança está inserida, precisamos sempre ter o olhar atento e sensível para que ela passe por todas etapas do seu desenvolvimento de forma saudável e sem sequelas.

É possível refletir nas falas da Professora 2 que existe um entendimento sobre a importância desse processo na vida da criança, a mesma compreende que a criança precisa sentir-se segura e ter amadurecimento necessário para que o desfralde ocorra de forma prazerosa. Porém, muitas vezes, nas práticas do dia a dia acabamos realizando ações rotineiras, sendo muito mais acessível pensar em estratégias rápidas, em comum acordo entre adultos, que acabamos por esquecer que quem deve dar o primeiro passo para o desfralde é a criança.

Para a criança, o desfralde é um momento de descoberta e conquista de sua autonomia, requer cuidados, paciência e tempo. Conforme a reflexão de Barbosa e Quadros (2017), a autonomia da criança é considerada uma grande conquista, na qual é capaz de ter cuidados com o próprio corpo, passando a identificar o que seu corpo produz. Em geral, são pontos insignificantes ao olhar de um adulto, mas para a criança pequena são ações relevantes para o seu desenvolvimento.

Para finalizar o questionário busquei investigar quais estratégias pedagógicas as professoras acham necessário para esse processo. Ambas as professoras utilizam como estratégia pedagógica brincadeiras e momentos lúdicos.

Professora 1: Trabalhar algumas situações através de histórias e brincadeiras deve ser um momento bem lúdico para a criança. Também podemos levá-las ao banheiro junto com outras crianças que já não utilizam fraldas para incentivá-las.

Professora 2: Temos diversas estratégias para auxiliar a criança durante a retirada da fralda, mas não podemos esquecer que cada criança tem a sua individualidade, precisamos ter paciência e respeitar o ritmo de cada uma. Algumas estratégias como: rodas de conversas, histórias, combinados, cartazes, seguir uma rotina com horários, alinhamento da escola com a família, brincadeiras, músicas...

Durante a reflexão dos resultados, tanto das famílias, quanto das professoras, foi possível perceber que o discurso sobre respeitar o tempo da criança está muito presente, contudo, muitas vezes, ainda não repercute na realização de ações significativas. Ou seja, compreende-se que esse processo é da criança, que ela precisa desenvolver em si a maturidade de conhecer e compreender os sinais do seu corpo, porém, quando se trata de auxiliá-la nesse processo, a decisão do adulto ainda está acima da vontade e do interesse da criança.

O que pode ser observado a partir de algumas das estratégias mencionadas como, por exemplo: seguir uma rotina com horários, elaborar combinados, realizar o

desfralde coletivo, avisar a criança que não vai usar mais a fralda; bem como, o uso do termo "retirada de fralda".

Percebo que esse processo ainda se concretiza sendo definido pelo adulto e não como um processo natural da criança. Por muitas vezes pode-se até surgir diversas estratégias para auxiliar no desfralde, porém, com a demanda do dia-dia, e talvez por enxergar que estratégias são só uma forma lúdica sem grandes efeitos, ou por pouco entendimento teórico sobre o processo, acaba-se optando pelo considerado mais fácil ou usar experiências sociais.

Paulo Freire no livro *Pedagogia da Autonomia* (1996) faz uma reflexão sobre a prática/teoria no qual utiliza como um de seus exemplos, o ato de cozinhar, remetendo que essa prática supõe alguns saberes fundamentais, como equilibrar a chama do fogão e harmonizar os temperos. Independente da prática que for realizada, seja ela cozinhar, velejar ou até mesmo educar o essencial é que, em qualquer um dos casos, na prática é que os saberes também se modificam. É importante levar em consideração que é indispensável a reflexão crítica sobre a prática, pois, quando a relação teoria/prática não ocorre de forma articulada, a teoria passa a ser vista como blábláblá e a prática, um ativismo o que, às vezes, reproduzem formas de violências e de desrespeito aos direitos das crianças sem perceber.

Estive presente como auxiliar de uma turma do Maternal A, acompanhei o desfralde coletivo das crianças, penso ser importante relatar aqui neste estudo um pouco da minha experiência nesse processo.

O tão esperado dia do desfralde coletivo, o qual acontecia no mês de novembro, os pais demonstravam ansiedade, alguns até mesmo já não mandavam mais fraldas para os momentos de trocas, alegando que, nos finais de semanas já estavam em treinamento em casa e que não iam mais comprar as fraldas.

Foi realizado alguns dias antes uma reunião com as famílias, para fazer os combinados e informá-los sobre como seria o processo, nesta reunião juntamente com os pais, foi feita uma relação com nomes em ordem de quem começaria primeiro. Foram determinados que fossem três crianças por semana, sendo assim, os pais precisariam enviar nas mochilas, roupas a mais para trocas, assim como, toalha para banho e sacola para roupas sujas.

No primeiro dia de desfralde coletivo, quando as crianças chegavam à escola (a escola era em turno integral) eu era orientada a verificar se as três crianças para o desfralde estavam usando fraldas, se sim, precisava tirar a fralda. Lembro-me de um dos meninos que ia para escola de van escolar, chegava todo molhado, pois já estava sem a sua fralda e no caminho acabava fazendo xixi.

Hoje, após leituras para construção deste estudo, fico refletindo de como esse momento pode ter sido visto e sentido por essa criança, como essa experiência ficou marcada em sua passagem pelo desfralde coletivo. Enfim, voltando a chegada das crianças, após verificar se todos os três já estavam sem fraldas, a professora da turma e eu ficávamos acompanhando os sinais emitidos pelas crianças, em caso de sentirem necessidade de fazer cocô ou xixi.

Levávamos as três crianças ao banheiro em média de 15 em 15min, algumas delas ficavam longos períodos sem conseguir fazer suas necessidades, mas mesmo assim, levávamos todos juntos ao banheiro, sentávamos eles no vaso sanitário, e esperávamos alguns minutos.

Era possível perceber que algumas crianças estavam seguras para vivenciar esse processo, demonstravam segurança anunciando que precisavam fazer xixi, saíam correndo ao abrir a porta da sala de aula, quando retornavam para sala, contavam para todos os colegas “Eu fiz xixi, fiz xixi no vaso” era possível perceber a alegria que demonstravam.

Entretanto, havia crianças que não estavam seguras para o processo, ainda não compreendiam como seu corpo funcionava, não sabiam que podiam controlar os esfíncteres, eram realizadas diversas trocas de roupas durante o dia e mesmo assim tinham que estar participando do desfralde coletivo.

Hoje penso que as professoras, talvez tenham carência de uma orientação mais aprofundada sobre como auxiliar no processo de desfralde. Eu, como acadêmica, não recebi formação para esse momento, percebia o quão carente de informação teórica a professora e eu estávamos, mas, por mais que eu quisesse opinar sobre a prática, afinal muitas situações me inquietavam, eu não possuía embasamento para me amparar. Então, qualquer opinião emitida, seria baseada em experiências na família, ou compartilhado entre colegas da graduação.

A partir desta experiência com o desfralde coletivo, percebo a importância da formação continuada, pois, mesmo que o(a) professor(a) não tenha formação

suficiente para lidar com o desfalde e outros desafios da prática cotidiana, é importante que busque ampliar os conhecimentos através da formação continuada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa e das leituras para elaboração desse trabalho de conclusão de curso, cujo tema é o processo de desfralde de crianças bem pequenas, pude identificar o quão importante é perceber a criança como um ser único que possui direitos e seu próprio tempo para se conhecer e se desenvolver em sua plenitude.

O desfralde é um processo muito importante na vida da criança o qual requer do adulto um olhar com atenção, paciência e entendimento de que não é apenas deixar as fraldas, mas sim um processo que exige da criança maturidade para compreender o que está acontecendo em seu corpo, e assim conseguir controlar os esfíncteres de forma natural, sem imposição dos adultos.

Sobre o entendimento dos familiares foi possível identificar a preocupação e cuidado expresso nas respostas das mães, que entendem o desfralde como um processo delicado, decisivo e importante na vida das crianças, que requer do adulto paciência e atenção.

Nas falas das mães, algumas se destacaram por sua observação aos sinais e sentimentos emitidos pela criança, também pela forma de preparo e criatividade para o desfralde, utilizando de ferramentas mais elaboradas, fazendo esse momento mais lúdico e prazeroso para a criança. Por outro lado foi possível observar que as estratégias adotadas por algumas mães, às vezes são centradas na decisão do adulto, apesar delas próprias reconhecerem a importância de respeitar o tempo da criança.

Referente ao entendimento das professoras foi possível refletir que, ambas concordam que o desfralde é um momento delicado na vida das crianças, que requer atenção, cuidado e que precisa ser realizado no tempo da criança. Porém, em algumas respostas de uma das professoras foi possível perceber, uma certa carência na reflexão teórica mais aprofundada referente a suas práticas, pois, apresentam estratégias centradas na rotina, nos horários, e nos combinados, constituindo práticas adultocêntricas referente ao desfralde.

Durante as pesquisas, leituras e reflexões de alguns autores que obtive no decorrer deste estudo, foi possível refletir o quão importante é esse processo na vida das crianças bem pequenas. É um momento de descoberta e conquista de sua

autonomia, em que a criança passa a perceber que possui capacidade de controlar seu próprio corpo.

Desta forma, é importante que os adultos compreendam que forçar a criança para que deixe suas fraldas, pode ocasionar consequências psicológicas a ela, principalmente no caso de não sentir-se segura ou não possuir capacidades formadas para essa mudança.

Para as escolas, é importante salientar que, apesar de existir um grupo grande de crianças que ainda utilizam suas fraldas, é necessário refletir criticamente quanto ao acontecimento planejado de desfralde coletivo, levando em consideração a criança na sua individualidade, que possui seu próprio tempo para se desenvolver.

É preciso respeitá-la como um ser pensante que possui direitos. A idade da criança não é padrão para comparação de maturidade, isto é, o tempo de uma criança não é igual ao da outra criança.

Para finalizar, gostaria de salientar que durante essa pesquisa, foi possível refletir sobre vários aspectos importantes para o desenvolvimento da criança, o que me levou a ter outros questionamentos sobre o cuidado com a criança e a relação com a paternidade. De modo que, outras possibilidades para pesquisas futuras seria investigar quais as contribuições do pai/homem para o desenvolvimento da criança bem pequena e como a escola de Educação Infantil envolve o pai/homem no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria. Carmen. Silveira. **Tempo e cotidiano: tempos para viver a infância.**

Leitura: Teoria & Prática. Campinas: [s.n.], 2013.

BARBOSA, Maria. Carmen. Silveira; QUADROS. Vanessa. **As aprendizagens cotidianas os:** Os cuidados pessoais das crianças como gesto curricular. Brasília: [s.n.], 2017.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é sociologia da infância.** Campinas: Acadêmico de bolso, 2009.

BORGES, Isabel. Cristina. Bogéa. **Cuidar – uma via de mão dupla.** Rio de Janeiro: [s.n.], 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** In: MEC. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

_____. **Secretaria da Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI).** Brasília: MEC/SEB. 2010.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** (LDB 9394/96). Brasília, DF: Ministério da Educação, 1996.

_____. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil.**

Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 27 mar. 2020.

CAMPO, Maria. Malta.; ROSEMBERG, Flúvia. **Crerícios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças.** 2. ed. Brasília: [s.n.], 2009.

CRAIDY, Carmen. Maria.; KAECHER, Gadis. Elise. P. Silva. **Educação Infantil: pra que te quero?.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: < <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>>. Acesso em: 20 dez 2020.

GENECHTEN, G. V. **O que tem dentro da sua fralda?**. 1. ed. [s.l.]: Brinque-Book, 2010.

_____. **Um presente incrível**. 1. ed. [s.l.]: Brinque-Book, 2015.

GIL, A. G. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Luana. Rodrigues. **Explorando as necessidades de informação sobre treinamento esfinteriano em professores da Educação Infantil**. 2019. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

HOLZWARTH, W. **Da toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela**. 1. ed. [S.l.]: Companhia das Letrinhas, 2010.

MATIAS-PEREIRA, J. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Atlas, 2019.

MONTEIRO, Mariana. Kubilius; ALTMANN, Helena. **Homens na Educação Infantil: Olhares de suspeita e tentativas de segregação**. 2014.

MOTA, Denise. Marques. **Aquisição dos controles urinários e intestinal nas crianças da coorte de nascimento de Pelotas de 2004**. 2018. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

PECOITS, S. S. **Os adultos possuem relógios, as crianças possuem tempo**. Brasília. 2017.

Reid, C. **O xixi da Lulu**. 1. ed. [s.l.]: Companhia das Letrinhas, 2014.

SALVA, Sueli. Ser mãe, ser pai, ser jovem: Relações de gênero e os desafios da vida cotidiana no interior da CEU. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: [s.l.], 2013. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1372594931_ARQUIVO_artigosuelisalva.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2021.


SALVA, Sueli. Educação Infantil - Uma reflexão acerca do tempo. In: **Pedagogias das infâncias, crianças e docência na Educação Infantil**. 1. ed. Santa Maria: UFSM, 2016. Cap. 18, p. 309-323.

SAYÃO, Deborah. Thome. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: Um estudo de professores em creche**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

_____. **Não basta ser mulher... não basta gostar de crianças..**

“Cuidado/educação” como princípio indissociável na Educação Infantil. UFSM, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 69-84, jan./abr. 2010. Disponível em <<http://www.ufsm.br/revistaeducacao>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E QUESTIONÁRIO PARA OS FAMILIARES



Seção 1 de 3

Questionário para os familiares

Prezados familiares,

Meu nome é Renata Alves da Silva, sou acadêmica do Curso de Pedagogia Licenciatura Plena Noturno, da Universidade Federal de Santa Maria, matrícula 201520037. Venho através deste solicitar a participação para contribuir com minha pesquisa de conclusão de curso a qual focaliza o processo de desfralde de crianças bem pequenas na Educação Infantil. A participação neste questionário é voluntária e anônima, portanto será mantida a identidade em sigilo não permitindo identificá-los.

Se o Sr.(a) concordar em participar da pesquisa clique em "próxima" que dará início ao questionário, caso opte por não dar continuidade, sinta-se com total liberdade de não dar seguimento.

Agradeço desde já pela sua participação, quaisquer dúvidas relacionadas à pesquisa poderão ser esclarecidas via e-mail renataalvescohen@gmail.com ou telefone (55) 99238-6565.

Seção 2 de 3

Questionário para os familiares

Descrição (opcional)

1. Qual seu vínculo familiar com a criança? *

Mãe

Pai

Avó

Avô

Outros...

2. Qual a idade da criança? *

1 ano - 1 ano e 11 meses

2 anos - 2 anos e 11 meses

3 anos - 3 anos e 11 meses

Mais de 4 anos

3. A criança já deixou de usar fraldas? *

- Sim
- Não
- Está em processo

4. Como você entende esse momento do desfralde na vida da criança? *

Texto de resposta longa

5. Quando você acredita que pode ser iniciado o desfralde? Quais aspectos você leva ou levou em consideração? *

Texto de resposta longa

6. Como você fez ou está fazendo para auxiliar a criança a deixar de usar fraldas?

Texto de resposta longa

7. O desfralde foi realizado em parceria com a escola? Conte brevemente como foi essa experiência. *

Texto de resposta longa

Após a seção 2 Continuar para a próxima seção

Seção 3 de 3


Agradecimento

Sua participação foi muito importante para minha pesquisa.
Obrigada!

Título da imagem



APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E QUESTIONÁRIO PARA AS PROFESSORAS



Seção 1 de 3

Questionário para professoras

Prezada professora,
Meu nome é Renata Alves da Silva, sou acadêmica do Curso de Pedagogia Licenciatura Plena Noturno, da Universidade Federal de Santa Maria, matrícula 201520037. Venho através deste solicitar sua participação para contribuir com minha pesquisa de conclusão de curso a qual focaliza o processo de desfralde de crianças bem pequenas na Educação Infantil. A participação neste questionário é voluntária e anônima, portanto será mantida sua identidade em sigilo não permitindo identificá-la.
Se a Sra. concordar em participar da pesquisa clique em "próxima" que dará início ao questionário, caso opte por não dar continuidade, sinta-se com total liberdade de não dar seguimento.
Agradeço desde já pela sua participação, quaisquer dúvidas relacionadas à pesquisa poderão ser esclarecidas via e-mail renataalvescohen@gmail.com ou telefone (55) 99238-6565.

Seção 2 de 3

Questionário para professoras

Descrição (opcional)

1. Qual sua formação? *

Pedagogia

Especialização

Mestrado

Outros...

2. Quanto tempo você está atuando na Educação Infantil? *

Menos de 1 ano

De 1 a 3 anos

De 4 a 8 anos

Opção 4

3. Qual faixa etária você atua no momento? *

- 1 a 3 anos
- 3 a 4 anos
- 4 a 6 anos

4. Qual o seu entendimento referente ao desfralde de crianças bem pequenas na Educação Infantil? *

Texto de resposta longa

5. Quando você acredita que pode ser iniciado o desfralde? Quais os aspectos que você leva em consideração? *

Texto de resposta longa

6. Quais estratégias pedagógicas você acha necessário para o desfralde de crianças bem pequenas na Educação Infantil? Como você costuma fazer para auxiliar nesse processo? *

Texto de resposta longa

Seção 3 de 3

Agradecimento



Sua participação foi muito importante para minha pesquisa.
Obrigada!

Título da imagem

